

Existir no mapa: interfaces entre cartografia social e intervenção comunitária

Existen en el mapa: interfaces entre cartografía social y intervención comunitária

Exist on the map: interfaces between social cartography and community intervention

Silvana Ribeiro*Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre - RS/Brasil***ORCID:** 0000-0002-5702-770**E-mail:** assistentesociaisilvanaribeiro@gmail.com**Henrique França Duara***Universidade de Passo Fundo (UPF), Passo Fundo - RS/Brasil***ORCID:** 0000-0002-1015-1414**E-mail:** psihenriqueduara@gmail.com**Robert Filipe dos Passos***Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus - AM/Brasil***ORCID:** 0000-0003-0900-4262**E-mail:** robert.passos@ufam.edu.br**Mariele Aparecida Malaquias da Silva***Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Passo Fundo - RS/Brasil***ORCID:** 0009-0003-2131-5327**E-mail:** psicologamarielemalaquias@gmail.com**Resumo**

O mapa é um instrumento de poder, não estar no mapa significa ter sua existência apagada do mundo. Este artigo propõe reflexões acerca da potência existente na aproximação entre a psicologia comunitária, desde uma perspectiva de intervenções comunitárias e a cartografia social enquanto método de pesquisa. Para isso, aborda-se a simbologia do mapeamento, trazendo ao centro da análise o filme brasileiro Bacurau (2019) como interlocutor destas reflexões. A cartografia social como instrumento de construção de conhecimento coletivo possibilita uma aproximação com a comunidade, bem como a produção de pistas acerca das fragilidades e potências dos territórios por meio de diversas formas de elaboração de mapeamentos que encontram na escuta a oportunidade de leitura acerca da realidade social. Assim, cartografar em psicologia comunitária é uma forma de fazer existir no mapa e no mundo, através dos sons, imagens e narrativas que foram sendo silenciados na história das comunidades. Este artigo tem como uma das principais contribuições ao conhecimento em psicologia comunitária a compreensão de que a cartografia social é uma ferramenta teórico-metodológica essencial na formação de uma escuta e análise crítica em psicologia.

Palavras-chaves: Cartografia social; Psicologia comunitária; Mapa.**Resumen**

El mapa no es solo una representación gráfica del espacio, sino también un instrumento de poder. Quienes no figuran en el mapa, quedan invisibilizados y su existencia borrada del mundo. Este artículo explora la

potencia de la psicología comunitaria, desde la perspectiva de las intervenciones comunitarias, y la cartografía social como método de investigación. Se analiza la simbología del mapeo, utilizando la película brasileña Bacurau (2019) como referente. La cartografía

¹ Os autores declaram que esta contribuição é original e inédita. Desse modo, assegura-se que a obra não foi publicada em outro periódico científico.

social, como ferramenta de construção de conhecimento coletivo, permite acercarse a la comunidad y comprender las debilidades y fortalezas de sus territorios a través de diversas técnicas de mapeo que se basan en la escucha atenta de la realidad social. Cartografiar en psicología comunitaria significa hacer visibles las voces, imágenes y narrativas que han sido silenciadas en la historia de las comunidades. Este artículo contribuye a la psicología comunitaria al comprender la cartografía social como una herramienta teórico-metodológica fundamental para desarrollar una escucha y un análisis críticos.

Palabras clave: Cartografía social; Psicología comunitaria; Mapa.

Abstract

The map is an instrument of power; not being on the map means having your existence erased from the world. This article proposes reflections on the power of bringing together community psychology, from the perspective of community interventions, and social cartography as a

research method. To this end, the symbology of mapping is addressed, bringing the Brazilian film *Bacurau* (2019) to the center of the analysis as an interlocutor of these reflections. Social cartography as an instrument for building collective knowledge makes it possible to get closer to the community, as well as to produce clues about the weaknesses and strengths of the territories through various forms of mapping that find in listening the opportunity to read about social reality. Thus, mapping in community psychology is a way of making people exist on the map and in the world, through the sounds, images and narratives that have been silenced in the history of communities. One of the main contributions of this article to knowledge in community psychology is the understanding that social cartography is an essential theoretical-methodological tool in the formation of critical listening and analysis in psychology.

Keywords: Social cartography; Community psychology; Map.

Introdução

Esta reflexão parte de inquietações em comum entre as(os) autoras(es) deste artigo. Inquietações estas advindas de experiências em psicologia comunitária a partir de diferentes contextos de intervenção. Experiências essas, que perpassam o exercício da docência nesta área, bem como a cartografia enquanto método de pesquisa-intervenção. O que percebemos é que há uma potência na aproximação entre psicologia comunitária e cartografia social capaz de produzir o fortalecimento de práticas neste contexto de atuação de forma ética e comprometida com a transformação social.

O fio condutor desta reflexão será a fabricação de mapas. Mapas delineiam territórios de existência, visibilizam ou invisibilizam densidades, elementos de composição de um lugar ou presenças. Em uma intervenção em psicologia comunitária, o primeiro passo dado comumente é o diagnóstico de território. Em cartografia, como veremos adiante, a tarefa do cartógrafo também é colocada sobre demanda semelhante, porém, muito mais na lógica da desmontagem e remontagem do que diagnóstico. As etapas citadas anteriormente são essenciais no

trabalho com comunidades, sustentando aqui a proposta deste artigo que diz respeito à percepção de como a cartografia social pode ser uma ferramenta teórico-metodológica em psicologia comunitária que permite a compreensão do território, desde uma análise de realidade social, até a produção de outros mapas coletivos com esta população. Sendo que estes possam subsidiar intervenções com a comunidade e não para a comunidade, construindo possibilidades de pertencimento da população com suas problemáticas e potencialidades.

Os mapas são construídos através de uma perspectiva coletiva? Quem decide cada traço e proporção nos mapas? Na perspectiva de localização dos mapas o CEP (Código de Endereçamento Postal) tem um papel importante na localização do espaço. O que significa não ter um CEP? Quem são as pessoas na realidade brasileira que não tem CEP? Um dos exemplos pode ser observado na cidade de Passo Fundo, conforme dados apresentados por Borges (2023), destaca que a cidade comporta mais de 100 ocupações urbanas, as quais contemplam, em torno de 14 mil habitantes. Estes, não possuem CEP, visto que as ocupações são territórios não regularizados e

automaticamente não aparecem no mapa da cidade. Os moradores destes espaços não dispõem de um CEP para realizar compras nas lojas, fazer cadastros ou preencher currículos.

Outra exemplificação pode ser observada no filme Bacurau (2019), quando o personagem Professor Plínio, que dá aula para crianças e adolescentes do povoado, ao procurar no mapa Bacurau (2019) não o encontra: “Vamos ver se a gente acha Bacurau (2019) aqui, tá? Serra Verde. Era pra tá aqui!”. É possível uma comunidade não constar no mapa? Mas afinal, um mapa não deveria representar um determinado território? Quais intencionalidades guardam o apagamento de pessoas e seus territórios existenciais de um instrumento de referenciamento?

Em psicologia comunitária, um dos principais desafios posto ao profissional desta área diz respeito à construção de sua entrada em um território, por vezes desconhecido, de modo que possa romper com preconceitos, estigmas, noções de verdade apriorísticas, as quais, por vezes carregamos conosco mediante o encontro com determinada comunidade. Para isso, é necessário lançar mão de ferramentas teórico-metodológicas que façam jus ao esforço de assumir uma postura ética de escuta à diferença. Bem como, produzir conhecimento coletivo que possa promover o bem estar comum das comunidades. Uma destas ferramentas, diz respeito a produção de mapas que nos permitam compreender quais são os elementos de composição de um determinado território. Porém, como podemos constatar a partir das cenas descritas acima, nem sempre o uso do mapa favorece a visibilização de um território em sua singularidade. Daí a aposta em uma forma bastante particular de fabricação de mapas, que é a estratégia teórico-metodológica da cartografia social.

Desde sua definição relacionada a sua origem na Geografia, a cartografia procura registrar as paisagens conformadas em sua afetação pela natureza, desenho do tempo traçado pela existência, pela vida que ali passa e passou (Feuerweker & Merhy, 2011). Esta definição apresenta caráter processual,

caracterizado pelo inacabamento, construção feita e refeita constantemente. É a partir desta premissa que Kastrup e Barros (2009) definirão o cartografar como: acompanhar processos.

Não se trata de definir a verdade sobre um território a partir do mapeamento. Pelo contrário, acompanhar um processo pressupõe que a perspectiva dada a esta experiência parte de uma perspectiva em particular, a de quem cartografa. Deste modo, não há verdade sobre determinado objeto, mas sim disputa de verdades que fazem e refazem determinado território, dando visibilidade ou invisibilizando elementos de determinada paisagem (Feuerweker & Merhy, 2011).

Para Passos, Kastrup e Escóssia (2009), pesquisar cartograficamente convoca a realizar uma inversão na lógica apriorística da concepção tradicional da metodologia. A origem etimológica da palavra remete a composição das palavras “metá” e “hódos”. Ou seja, a meta designada originalmente delimita os passos a serem dados. Cartografar, ao contrário, é apostar na experimentação do pensamento. O “hódos-metá” cartográfico propõe uma aposta, não mais em uma metodologia a ser aplicada, mas experimentada, assumindo a condição de postura ética do cartógrafo.

É esta atitude, ou dito de outra forma, esta postura ética assumida pelo cartógrafo enquanto pesquisador em um determinado território que procuraremos sustentar como premissa comum a psicologia comunitária. A partir da problemática apresentada nas duas cenas referidas acima, bem como a demanda colocada acerca da prática em psicologia comunitária que emerge o interesse deste artigo: apresentar articulações possíveis entre psicologia comunitária e cartografia social.

A hipótese que defendemos neste esforço de aproximação é a de que o uso da cartografia social em psicologia comunitária pode produzir um instrumento teórico-metodológico que possibilita aos estudantes do curso de psicologia ou até mesmo profissionais da área experienciar e analisar as múltiplas realidades sociais nas quais estão imersas as

comunidades. Nas quais há diversas narrativas, saberes e experiências não mapeadas, visto que podem ter sido apagados de forma estratégica por um processo de colonização dos territórios.

Metodologia

Essas reflexões partem de inquietações teóricas acerca das aproximações possíveis entre psicologia comunitária e cartografia, que, por óbvio, partem de experiências das/os autoras/es deste artigo com estas práticas. Assim, a fim de lançar mão do recurso ficcional como política narrativa produtora de pensamento, propomos uma interlocução com a obra cinematográfica brasileira *Bacurau* (2019).

O filme *Bacurau* (2019) é uma obra do cinema brasileiro recente, dirigido por Kleber Mendonça Filho, que visa retratar a narrativa dos moradores de um pequeno povoado no nordeste brasileiro, onde os personagens descobrem que sua comunidade foi retirada do mapa. Junto disso, estrangeiros e forasteiros começam a aparecer na comunidade e rapidamente os moradores percebem que estão sendo atacados, quando se deparam com as mortes de seus conterrâneos.

Ao longo do filme, algo que muito nos interessa vai ficando claro: *Bacurau* (2019) não aparece mais no mapa por acaso, a comunidade é propositalmente retirada do espaço onde estava anteriormente no mapa a fim de favorecer ataques e intimidações de estrangeiros à comunidade. Durante o filme é possível observar diversas imagens que remetem à ferramenta do mapa, as quais serão destacadas ao longo desta pesquisa. Esta simbologia do mapa remete ao tema da cartografia social, esta é considerada um mapeamento coletivo de determinado território, cultura, linguagem, sendo um método-intervenção que envolve criatividade, curiosidade e arte. Assim, não seria interessante abordar esta temática sem trazer ao texto uma linguagem artística – representada aqui por *Bacurau* (2019), objetivando assim, utilizar-se da narrativa da obra cinematográfica como

dispositivo para a ampliação do debate, da função e da construção das cartografias sociais e sua utilização na psicologia, compreendendo o filme como parte do engenho que compõe a tarefa de potencializar a valia dos mapas enquanto produções de existências.

Organizamos este artigo através de dois tópicos: a) “Se for, vá na paz”, onde apresentamos a cartografia social como experiência política, rompendo com a redução da cartografia somente como ferramenta metodológica de intervenção e pesquisa. Conforme escreve Costa (2014) cartografar tem mais a ver com uma possibilidade de expressão artística do que com um fazer técnico. Atravessa este tópico e todo o artigo narrativas do filme *Bacurau* (2019), que nos apresenta possibilidades de questionar, instigar e abalar as pré-concepções que temos do que é existir, e os preconceitos cotidianos que giram em torno daquilo que dita o que é passível de existência. Visamos pensar a cartografia social como exploradora das temáticas frequentes no filme, como classe, raça, gênero, nacionalidade e região, que para além de suas interseccionalidades, podem ser debatidas e exploradas ao longo deste artigo uma vez que também podem ser mapeadas, e portanto, existirem.

No segundo tópico, intitulado de b) “Quem nasce em *Bacurau* (2019) é o que? Gente” Articulações entre psicologia comunitária e cartografia social, trazemos para o texto uma fundamentação teórica sobre psicologia comunitária, desde o olhar de autores/as latinoamericanos e a partir disso apontamos possibilidades de produção de uma psicologia que esteja disposta a escutar cartograficamente o que historicamente não aparece nos mapas subjetivos, políticos e territoriais da sociedade. Este debate é expresso no filme *Bacurau* (2019) aparecendo através do diálogo entre o casal sulista e os moradores de *Bacurau*: “E *Bacurau* (2019), o que que significa? É um pássaro. Passarinho? Passarinho não, é um pássaro”. Esta narrativa e a resposta direta da moradora pode ser interpretada como um grito pelo desejo de que as populações que não estão no mapa, as

populações em situação de desproteção social não sejam diminuídas ou tratadas no diminutivo “passarinho”. Ao contrário, coloca que estes sujeitos possam dizer sobre o seu mundo, desenhar seus próprios mapas, através de sonhos, sofrimentos e desejos.

Cartografia social, atravessada artisticamente por Bacurau (2019) pode tornar-se material potencial para o ensino-aprendizagem dos estudantes do curso de psicologia e psicólogos. E que a psicologia comunitária, ao cartografar em determinadas realidades pode ampliar sua capacidade de compreensão da heterogeneidade dos territórios, as múltiplas opressões que permeiam estes espaços, dentre outros fenômenos psicossociais. Apostar na cartografia enquanto modo de estar com comunidades permite construir vínculos a partir da fabricação de mapas coletivos com estes territórios, rompendo com a noção que, por vezes, circula nas Instituições de Ensino Superior: a posição do suposto saber.

1) “Se for, vá na paz”

“Cartografia é um grande quebra-cabeças onde não sabemos a imagem que pode vir a ser” (Costa, 2014, p. 31).

A cartografia é uma ferramenta de mapeamento social muito conhecida e utilizada pela área da geografia. Cartografar é a ciência e a arte da representação dos espaços, uma técnica que possibilita a construção de mapas territoriais, que permitem conhecer um determinado espaço geográfico. Visa-se, através de uma cartografia, um produto final, que é o mapa. Segundo Acselrad e Coli (2008), “todos os mapas são uma abstração do mundo, elaborada sempre a partir de algum ponto de vista” (p. 13).

A rápida associação da elaboração de mapas com a geografia, ocorreu através da construção histórica-temporal, uma vez que, segundo Acselrad e Coli (2008), os mapas inicialmente surgiram como meio de criação ficcional, um meio de pensar sobre o mundo a partir da crença e dos mitos (p. 13). Assim,

inicialmente, a elaboração de um mapa se aproximava constantemente do ato de pensar, divagar, experienciar e observar. Para Malamud (1999), “mapas sempre foram alucinações consensuais preenchidas com linhas, ilhas e oceanos imaginários, não através de uma verdade objetiva” (p. 1).

Foi somente através de “um longo processo de observação do mundo, de elaboração de instrumentos e experiências, com o conseqüente crescimento da capacidade de medir altitudes e coordenadas, que os mapas foram tornando-se mais “objetivos” (Acselrad & Coli, 2008, p. 13).

Dessa maneira, engendrou-se que quem se propõe a construir um mapa deve intentar uma representação fiel da realidade. Entretanto, é importante discutir sobre o fato de que uma vez construído, o mapa torna-se mapa, ele fala por si só, torna-se a representação que ele propõe. Aliena-se, assim, à percepção e a circunstância de alguém tê-lo pensado, projetado, arquitetado, escolhido. Um mapeador não é isento de suas próprias projeções naquilo que constrói, revelando portanto, a impossibilidade do ideal de um mapa possível neutro, fiel, sem disparidades.

O mapa não é, deste modo, “um reflexo passivo do mundo dos objetos” (Acselrad & Coli, 2008, p. 13), e sim uma consensual e compartilhada visão de uma realidade. Para Dias, Cruz, Gomes, & Assem (2022),

sabemos que a Cartografia, tal qual conhecemos hoje, esteve restrita, durante muito tempo, nas mãos da elite que ora intelectual detinha o conhecimento e a capacidade técnica para elaborar as representações espaciais. A história mostra que este conhecimento tornou-se arma de um arsenal governamental e hegemônico pautado nas disputas de domínio sobre o uso dos territórios, que, impetuosamente, eram desterritorializados. (p. 33)

O mapa, portanto, tornou-se um instrumento de poder, afirmação, ideologia e distribuição de poder, uma vez que, para Dias et al (2022) “serviu como base para a imposição dos padrões de modernidade e colonialidade a partir do século XVI e para a formação da imaginação geopolítica moderna” (p. 33), e “era ferramenta estratégica de poder sob o domínio de poucos em detrimento de muitos”. (p. 33). Um exemplo disto é o mapa da “Extensão do Império Britânico sobre o

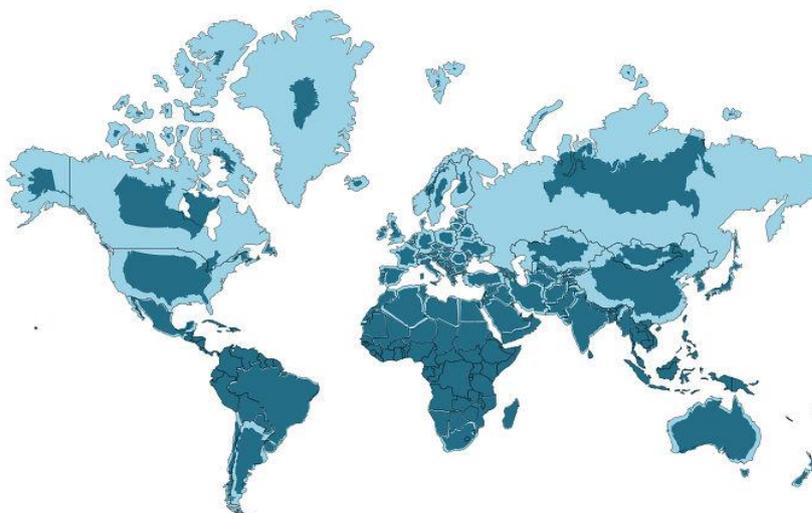
mundo” de 1886, elaborado por Walter Crane. Além de intencionalmente colocar o continente Europeu no centro e no alto do mapa, é possível observar diversos desenhos e imagens que representam a ideologia dominante de quem produziu o mapa. Pode-se observar por exemplo, que no meio do mapa, existe uma pessoa com o escudo da Grã-Bretanha sentada sobre o mundo. É a partir dela que se pode direcionar, explorar outros continentes, marcas linhas de desbravamento e exploração.



(Extensão do Império Britânico sobre o mundo, 2021)

Uma vez que um mapa intenta produzir uma consensual realidade, em 2018, Neil Kaye usou da projeção de Mercator para mostrar que a visão que se tem do mapa mais conhecido, o mapa mundi, é exagerada e distorcida. Projetando o verdadeiro tamanho de cada país

em relação a todos os demais, o cientista evidencia a criação e elaboração de mapas como instrumentos de poder e dominação, que podem falsear a realidade para que o sujeito acredite fielmente que o mundo é exatamente como ele é projetado no mapa.



(World Mercator projection with country going to true size, 2018)

É possível observar que, os países do hemisfério norte têm uma grande distorção de tamanho, sempre maiores que seu tamanho verdadeiro. Questiona-se, portanto, se o mapa realmente poderia ser compreendido como verdade absoluta indiscutível somente legitimada pelo seu caráter técnico. Afinal, uma vez apresentadas, as elaborações dos mapas foram e ainda são centradas em quem detém domínio sobre as relações de poder, como exprimem Dias et al (2022), um mapa é encomendado, e reproduz as entrelinhas daquilo que é solicitado. Ou seja, é interessante para um determinado grupo da sociedade que o hemisfério norte pareça maior que o hemisfério sul.

Pensando o porquê se produzem mapas e quem os produz, Harley (2009) conta sobre a intencionalidade dos cartógrafos, uma vez que:

Os mapas são essencialmente uma linguagem de poder e não de contestação. Ainda que os mapas nos tenham feito entrar na era das comunicações de massa, os meios de produção cartográfica, comerciais ou públicos, continuam largamente controlados pelos grupos dominantes. A tecnologia informática reforçou esta concentração do poder das

mídias. A cartografia permanece um discurso teleológico, confirmando o poder, reforçando o status quo, restringindo as interações sociais no interior de limites bem traçados (pg. 55).

Como instrumento de produzir linguagem, não deve limitar-se ao mapa apenas a técnica de dominação, mas sim também de liberdade e visibilidade. Deleuze e Guattari (1995) realizam uma dobra conceitual na compreensão da cartografia enquanto ferramenta. Esta dobra, por um lado, promove deslocamento de uma crítica à fabricação dos mapas desde um recurso ideológico de dominação em direção a filosofia da diferença. Este deslocamento não produz desacordo com a compreensão acerca dos usos hegemônicos dos mapas como instrumento de dominação e representação do mundo desde uma perspectiva muito particular. De fato, o método cartográfico desterritorializado de sua origem na disciplina geográfica e reterritorializada pelos autores no campo ético-estético-político, procura posicionar a ferramenta como instrumento que é capaz de permitir modos de subjetivação minoritários (Deleuze; Guattari, 1995).

Demarcando este reposicionamento, delimitamos este modo de pensar tal ferramenta

como cartografia social, sinalizando um mapeamento que pode ser “desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente”. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social” (Deleuze; Guattari, 1995, p. 21). Por mais que a cartografia social venha se consagrando e seja utilizada enquanto efetivo instrumento conceitual e metodológico que possibilita a elaboração de mapeamentos sociais sobre a realidade de determinado espaço, nossa intenção não é reduzi-la a isso. Segundo Filizolla (2010),

O exercício da Cartografia Social é um instrumento que serve para construir conhecimento de maneira coletiva; é uma aproximação da comunidade do seu espaço geográfico, socioeconômico, histórico-cultural. A construção desse conhecimento é obtida pela elaboração coletiva de mapas, que desencadeia processos de comunicação entre os participantes e põe em evidência diferentes tipos de saberes que se misturam para chegar a uma imagem coletiva do território. Podem ser elaborados mapas do passado, do presente e do futuro, bem como “mapas temáticos” que nos permitam um maior conhecimento do ambiente/entorno (mapa administrativo e infraestrutural, mapa econômico, mapa ecológico, mapa de relações em rede e mapa de conflitos) (p. 05-06).

Apostamos na cartografia social como uma prática ético-estética-política sobre o “estar, e não olhar de fora” (Costa, 2014, p. 75). É justamente por compreender a pesquisa com esse significado e sentidos, que caracteriza-se a cartografia como a ação de acompanhar processos, os quais estão em constante movimento. Somente fazendo parte desta processualidade que o pesquisador pode, de fato, falar sobre ela (Passos, Kastrup, & Escóssia, 2009). Não há pretensão com a cartografia de chegar a uma verdade acerca de determinada realidade, pois nesta prática

compreende-se a realidade cartografada como um mapa móvel, repleto de significados, saberes e poderes (Passos, Kastrup, & Escóssia, 2009).

Nesta perspectiva, portanto, não pretende-se “revelar” a realidade, escondida sob o véu da ideologia, como é possível reconhecer em outras concepções teóricas sob o mesmo fenômeno. Na cartografia social parte-se do pressuposto de que a construção coletiva produz a existência, inclusive no esforço em conhecer determinada realidade. Esta produção de conhecimento ocorre por meio do movimento e variação contínua, uma vez que o método não se propõe priorizar uma conclusão, um fim, mas sim o processo, a experiência, a construção. Por isso, os cartógrafos sociais são “amantes dos acasos, eles estão disponíveis aos acasos que o campo lhe oferece, aos encontros imprevisíveis que se farão no decorrer do caminho” (Costa, 2014, p. 71).

Dessa maneira, para o cartógrafo social, tão importante quanto o acompanhamento da realidade cartografada, é a enunciação e visibilização de quem fabrica o mapa. O que atravessa aquele que deseja produzir um mapa? Para um cartógrafo social, certamente não é somente a intenção de produzi-lo, afinal, a aproximação com a comunidade ou território não pode ocorrer de forma hierárquica, distante e fria. É deste modo que a estratégia da análise de implicação (Passos, Kastrup, & Escóssia, 2009) do cartógrafo se torna central na cartografia, visto que é preciso reconhecer os atravessamentos do campo em suas mais variadas dimensões sobre a singularidade do pesquisador-interventor, é fundamental para expressar os limites daquilo que é dito/escrito/mapeado sobre determinada realidade.

O cartógrafo é aquele que pergunta ao outro como ele existe, e pelo fato de perguntar, já existe. Isso não significa a não produção de mapas com compassos e técnicas de desenho, porém a própria preconcepção de como constrói-se um mapa já não pertence ao exercício da cartografia social. Para Deleuze e

Guattari (1995), o mapa não deve ser um decalque, uma cópia daquilo que supostamente estaria ancorado no real. Um mapa, “não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói. Ele contribui para a conexão dos campos, para o desbloqueio dos corpos sem órgãos, para sua abertura máxima sobre um plano de consistência” (p. 21).

Visamos encontrar com algo, para então abrir caminhos, tropeçar, mapear. Assim, “o cartógrafo não pretende ser o grande olho de uma pesquisa, o sujeito que tudo olha com neutralidade, excessivamente confiante no seu saber exclusivo. O cartógrafo sabe que é impossível não misturar-se, bem como esta mistura é justamente o que ele procura promover” (Costa, 2014, p. 75). Produz em conjunto, construção coletiva. Construção que só permite sentido à medida que se aproxima do território, de quem o compõe. Uma vez que, “nós só nos indagamos sobre uma cidade na medida em que produzimos encontro com algo desta cidade” (Costa, 2014, p. 73).

Deleuze e Guattari (1995) propõem a fabricação de mapas como uma analogia à polinização da vespa e da orquídea. O traçado destes encontros produz a reterritorialização de uma paisagem, na medida em que a vespa leva consigo o pólen que irá fazer nascer outras orquídeas, transformando o espaço em um mapa vivo. É desta forma que o cartógrafo, ao acompanhar processos indissociáveis do encontro com tudo que compõem determinado território, é capaz de traçar registros destas paisagens. Não se trata da delimitação de verdades acerca de determinada realidade, o mapa cartográfico é móvel, dinâmico, repleto de significados, de saberes e poderes que tensionam uma experiência e dão forma a esta (Passos, Kastrup, & Escóssia, 2009).

Cabe aqui sinalizar que a noção de campo em cartografia excede o território geográfico em si, a medida que afirmamos a existência de um território existencial, permeado pelos mais variados elementos de composição, físicos, afetivos, subjetivos, políticos, econômicos, etc (Guattari, 1985). Desta forma, um campo de pesquisa-

intervenção não se estabelece quando “pisamos no território”, ele afirma sua existência desde o interesse de um pesquisador sobre determinado fenômeno.

Um campo de pesquisa-intervenção passa a ser produzido, tensionado, delimitado exatamente no momento que este se apresenta como interesse do pesquisador. À medida que o território existe por si só, o interesse de investigação promove também por si mesmo seu impacto neste lugar (Passos, Kastrup, & Escóssia, 2009). Compreendemos, assim, que mesmo quando provocamos um debate a partir de elementos teóricos, conceituais, articulados a um dispositivo reflexivo ficcional, promovemos um movimento cartográfico de produção de conhecimento. A intencionalidade da reflexão acerca da postura ética no encontro com o outro em psicologia comunitária convida à transformação da postura dos profissionais desta área, o que por conta própria altera o mapa deste fazer.

Através da tela do cinema, aproximar-se de Bacurau (2019) é um mistério. Tudo que vemos quando inicia-se o enredo é uma placa que indica o caminho até a cidade de Bacurau (2019), “se for, vá na paz”. Não tem título de cidade ou referência em algo, não é populosa, sendo constantemente negligenciada pelo poder público. O povoado sequer existe no mapa. Não é mais possível encontrar a comunidade nos mapas disponíveis de maneira online. É preciso ir até Bacurau (2019) para conhecer algo dela. Como diz Costa (2014):

Uma cidade é feita de linguagens e de imagens. É composta por sensações fugidias que escapam aos nossos olhares, que não encontram na boca da gramática palavras que possam descrevê-las. (...) A cartografia dirá que as nossas questões não vêm simplesmente das nossas cabeças, mas que nós nos questionamos na medida em que estabelecemos relações com aquilo que nos faz questionar. De outra forma, nós só nos indagamos sobre uma cidade na medida em que produzimos encontro com algo desta cidade (p. 73).

Bacurau (2019), por não aparecer no mapa, desse modo, desaparecendo do mundo, não existe! Não se conta! Sequer se preocupa ou modifica-se. Entretanto, no livro “Três roteiros: O som ao redor, Aquarius, Bacurau” (2020), que relata sobre a produção dos filmes do diretor Kleber Mendonça, é disponibilizado uma imagem da cidade de Bacurau (2019),

estruturada para a filmagem da produção cinematográfica.



(Mapa de Bacurau, 2020)

A presença da imagem, sua estruturação e as coordenadas que desembocam na criação do filme, nos leva a construção de um instigante pensamento: Para produzir um filme que retrata uma cidade que não aparece no mapa, foi preciso um mapa. Um mapa como referência de orientação, sendo assim, saber o que está em cada lugar para tornar-se vivo. Segundo Barros e Kastrup (2015), “a função de referência cria no território o contorno necessário para se experimentar a desterritorialização que permitirá a produção-transformação da

realidade”. Referenciando, observando as repetições, as marcas, os movimentos conhecidos de um território, é que se pode ler, junto dos que o compõem, aquilo que ainda não se escreve. E que nem por isso, deixa de existir, de inscrever-se.

É nisso que a cartografia social se interessa, fazer existir, nomear, desenhar, não somente o que se vê ou não vê, mas também do que se encontra, se afeta, se trajeta. A cartografia social propõe-se visibilizar o que

aparentemente, nos “mapas oficiais” não existe, mas que paradoxalmente, já existe, porém precisa “dar passagem, fazer passagem, ser passagem” (Costa, 2014, p. 75). Portanto, uma vez que, enquanto cartógrafos e profissionais da Psicologia, precisamos ir na paz até Bacurau (2019), onde os cidadãos podem dizer das pazes e não pazes que os perpassam.

2) “Quem nasce em Bacurau é o que? Gente”: articulações entre psicologia comunitária e cartografia social

Abordar aspectos teóricos da psicologia comunitária perpassa a compreensão de uma história anterior a esta, que é a de construção de projetos de psicologia social. Alguns dos autores que contribuem nesta análise são: Martín-Baró (2015); Almeida (2012); Lane (2007) e Silva (2021).

Até a metade do século XX, no Brasil e em boa parte da América Latina a psicologia social do norte global, especialmente aquela produzida por estadunidenses, foi hegemônica. Suas principais características, que diz respeito aos esforços explicativos dos fenômenos sociais de forma demasiadamente individualizante, suas metodologias experimentalistas, o evidente etnocentrismo - uma vez que compreender que o estudo de seus próprios grupos e população seriam capazes de explicar os fenômenos sociais de toda e qualquer população e cultura do mundo - evidenciam seus limites. Além disso, o conveniente caráter a-histórico destas perspectivas teóricas demarcam sua evidente incompatibilidade com a realidade latinoamericana (Almeida, 2012).

Por um lado, o contexto da disseminação de regimes ditatoriais militares apoiados pelo governo estadunidense por parte significativa dos países da América Latina tensionam a realidade desses territórios e promovem a necessidade de resistência. Por outro lado, a influência da teoria crítica marxista, das representações sociais e da teoria das instituições promoveram uma série de críticas, que, embora heterogêneas e por vezes

inconciliáveis, contribuíram para a formulação de uma psicologia crítica e com potencial transformador.

Os tensionamentos deste tempo histórico favorecem a emergência de uma psicologia comunitária que rompa com o olhar do colonizador sobre nossa realidade. Eis o esforço de propor uma ciência comprometida socialmente com a busca por soluções para as problemáticas destes territórios. Para isso, é fundamental compreender quais forças ideológicas operam sobre esta realidade, subjugando a grande maioria empobrecida aos interesses imperialistas (Almeida, 2012). Neste sentido, Góis (2003) destaca que:

Na América Latina, a expressão “Psicologia Comunitária” é empregada desde 1975, com o objetivo de se fazer uma nova Psicologia Social, a partir da preocupação de alguns psicólogos de distintos países latino-americanos com os escassos resultados sociais da Psicologia Social tradicional e por haver uma grande necessidade de superar os graves problemas sócio-econômicos que ainda hoje afetam a região (p. 277)

A história da psicologia social brasileira, de viés crítico, tem suas raízes no surgimento da psicologia comunitária brasileira e não o seu contrário, como fazem algumas narrativas ao contar a história da psicologia comunitária e destacam que ela nasceu da psicologia social, sendo esta um braço da psicologia social. Sabemos que existem diversas articulações entre a psicologia social brasileira de viés latinoamericano com a psicologia comunitária. Importante explicitar que a aproximação da psicologia com as comunidades, especialmente através de experiências propostas por autores como Paulo Freire, Silvia Lane, Carlos Rodrigues Brandão, dentre outros, romperam com a construção hegemônica da utilização de um mapa para ler o mundo, importado através de concepções de autores estadunidenses ou de países europeus, possibilitando assim, a construção de outros mapas possíveis desde a realidade latinoamericana.

Este processo perpassa uma construção de consciência histórica de como vivem os povos na América Latina. Um dos autores que provoca reflexões sobre esta discussão acerca da psicologia comunitária neste território foi Martín-Baró (2017), que afirma: “Aos psicólogos latino-americanos nos faz falta um bom banho de realidade, especialmente dessa realidade que oprime e angustia as maiorias populares”. (Martín-Baró, 2017, p. 78). Esta realidade perpassa a revisão dos fundamentos teóricos-metodológicos e políticos da psicologia, caminho este que a psicologia comunitária latinoamericana propõe-se e que conseqüentemente, defendemos neste artigo. Ao se aproximar, inserir-se ou ao construir intervenções comunitárias essa metodologia compreende que cada comunidade possui construção histórica e o papel da psicologia é o de dispor de uma escuta atenta das potências e fragilidades destes territórios. Bem como, contribuir para que a população construa seus diversos mapas de compreensão de suas próprias realidades. Desse modo, ler o mundo compete a construção de estratégias para a produção de uma vida digna, onde existam espaços e possibilidades para a concretização de sonhos, onde produzam-se resistências capazes de romper com as inúmeras desigualdades que assolam a existência do povo latinoamericano.

Neste sentido, outro autor que contribuiu de forma significativa no trabalho com as comunidade foi Paulo Freire (2011), que destaca:

A realidade social, objetiva, que não existe por acaso, mas como produto da ação dos homens, também não se transforma por acaso. Se os homens são produto desta realidade e se esta, na "inversão da práxis", se volta sobre eles e os condiciona, transformar a realidade opressora é tarefa histórica, é tarefa dos homens. (2011, p. 51).

Não cabe a psicologia comunitária, dessa forma aos psicólogos comunitários assumirem sozinhos esta tarefa histórica de

transformar as diversas realidades de opressão da humanidade. Prática esta, que os coloca como heróis ou salvadores das comunidades. No entanto, cabe aos psicólogos sociais aprenderem a ler a sociedade com as lentes Latinoamericanas, “tomarem um banho de realidade” e a partir disso, desenvolver com a comunidade estratégias de escuta de si, dos desejos, potencialidades e fragilidades. Desse modo, contribuir no rompimento de opressões e na libertação coletiva das desigualdades.

Assim, a psicologia comunitária surge, portanto, em confluência com um projeto decolonial. Segato (2021) reivindica a tarefa de visibilizar o processo de *criollización*, ou seja, o esforço colonial que expurga o não branco, não masculino, não hétero-cis de qualquer lugar de autorreferência. Ora, se reagimos a esta produção colonial tal como Joaquín García Torres (2010) que redesenha o mapa do continente americano (ou Abya Yala) afirmando que *nuestro norte es el sur*, precisamos romper com estas referências hegemônicas e afirmarmos uma outra história, um novo mapa.

Assim, a história da psicologia comunitária na América Latina é também a história da produção de um outro mapa, traçado com referências próprias, em detrimento daquele fabricado sob a perspectiva do colonizador. Situamos novas referências, outras histórias, outros heróis, partindo disso, através de novas problemáticas colocadas desde a perspectiva de quem resiste e resistiu ao colonialismo e suas conseqüências.

Quijano (2005) afirma que foi a América Latina que inventou a Europa, e não o contrário, uma vez que a expropriação das nossas riquezas sustentou por séculos os seus impérios coloniais. Da mesma forma, o esforço de ascendência estadunidense sobre os países latinoamericanos denotam a necessidade de manutenção destas relações de dominação como fundamentais para a própria existência deste império neocolonizador.

Também contribuem nesta reflexão autores da psicologia comunitária, tais como: Montero; Serrano-Garcia (2011), na obra:

Historias de la Psicología Comunitaria en América Latina: participación y transformación; Freitas (1988), que escreveu o artigo: *Inserção na comunidade e análise de necessidades: reflexões sobre a prática do psicólogo*; Carone e Bento (2017), através do livro: *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*, Góis (2005), através do escrito: *Psicologia Comunitária: atividade e consciência* e De Freitas Campos (2017) na obra: *Psicologia social comunitária: da solidariedade à autonomia*.

Com relação a articulação desta perspectiva de psicologia comunitária com a cartografia social, conforme descrito acima, a cartografia social não tem uma receita pronta. Ser cartógrafo não significa seguir rotas pré-estabelecidas. O que podemos fazer é partir das “Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade”, obra de Passos, Kastrup, & Escóssia (2015), que destaca “cartografar é acompanhar processos” relatando como podemos utilizar do diário de bordo ou diário de campo como ferramenta de registro e de análise da cartografia social.

Deste modo, reconhecemos aqui uma aliança epistemológica e metodológica entre uma psicologia comunitária de inspiração latinoamericana com a cartografia enquanto método, uma vez que ambas se articulam no interesse da transformação da realidade social. A disputa por um outro modelo de sociedade, liberdade, autonomia e soberania dos povos, o enfrentamento às iniquidades, dentre tantos

outros interesses em comum, destacam aspectos que aproximam estas duas perspectivas, mais do que as diferenciam.

Além disso, com a ampliação do acesso aos aplicativos e plataformas digitais é possível produzir cartografia com a ferramenta do google – My maps¹, que é gratuita e pode ser construída de forma coletiva, com interação, utilização de vídeos, fotos, links e escritos. Desse modo, estas ferramentas aliadas com o arcabouço conceitual acerca da cartografia social são grandes possibilidades de potencializar o ensino-aprendizagem dos estudantes. Assim como, contribuir com a análise da realidade social. Dessa forma, neste tópico destacamos as contribuições da articulação entre psicologia comunitária e a cartografia social, atravessadas pela produção fílmica de Bacurau (2019), expressando e produzindo conhecimento.

Para apresentar os apontamentos desta articulações utilizamos da cartografia social através da análise fílmica de Bacurau (2019). No primeiro momento, procuramos identificar na obra as cenas que remetem aos diversos conhecimentos que a psicologia comunitária expressa. Não buscamos esgotar as possibilidades, visto que cada cena de Bacurau (2019) é imersa por frases, imagens e sons que podem gerar inúmeros artigos sobre diversas temáticas. Deste processo, elencamos três eixos de reflexão, caminhos para o mapa comunitário e cartográfico: a) a comunidade de Bacurau; b) o Museu Histórico de Bacurau e c) a praça da cidade.

¹<https://www.google.com/intl/pt-BR/maps/about/mymaps/>



(Redesenho de Bacurau, autoria de Mariele Malaquias da Silva, 2024)²

Bacurau (2019) destaca cenas que podem contribuir na compreensão dos emblemas ético-estético-político do tensionamento entre os modelos de psicologia vindos dos modelos do norte global. Esses, tendem a invisibilizar a singularidade dos sujeitos e seus territórios existenciais. A sua ascendência sobre nossa realidade convoca todos a necessidade de reação ao exercício de poder como forma de dominação. Essa é a proposta da psicologia comunitária latinoamericana que convoca para a inserção e a leitura da realidade social a partir deste território.

No filme Bacurau (2019) é possível perceber algo peculiar, que por vezes não é expresso em outros filmes, que diz respeito a forma com que se retrata os corpos dos personagens, seus rostos, estilos de

vestimentas, não centralizando as cenas em determinados personagens centrais, mas na comunidade de Bacurau (2019). Neste território, temos acesso a uma comunidade inteira, que reza seus costumes, canta suas canções, produz cuidados em saúde, como por exemplo: a imagem do morador que chega no posto e é atendido pela médica Domingas. Ao questionar o que o morador estava sentindo, ele disse que estava tonto. Logo, Domingas percebeu que o senhor havia bebido durante toda a noite. Ao invés de medicá-lo, ela apontou para uma maca do local que atende e disse para ele deitar e descansar que logo a ressaca passaria.

Assistir Bacurau (2019) significa identificar diversas comunidades brasileiras que vivem experiências semelhantes à desta comunidade: o não acesso a água encanada, às

² Para Deleuze e Guattari a cartografia também é arte. E sendo tal, ela pode ser simbolizada de muitas maneiras, como por exemplo, os afetos que giram em torno do território. Nesta imagem houve uma tentativa de simbolizar o povoado de Bacurau a partir das narrativas empregadas no filme. O mapa é do povoado de Barra, lugar onde foram gravadas as cenas do longa-metragem. Os elementos adicionais sobre ele se referem ao museu importantíssimo para a narrativa, assim como o povo daquele espaço. Pensando em simbolizar este povo, utiliza-se a imagem de Lunga em conjunto com um chapéu de cangaceiro que demonstra as origens da luta no sertão. E por fim a árvore liga a história à psicologia. Visto que a psicologia floresce com a vida e a árvore do centro de Bacurau, também parece simbolizar a vida pulsante nesse território.

disputas políticas e a colonização do espaço por figuras estrangeiras. Escrever a partir desta perspectiva significa escrever através de uma escuta cartográfica que deve ser produzida na relação da/o psicóloga/o com o contexto de comunidades em situação de desproteção social, significa retomar o papel da personagem Domingas, que com sua vestimenta simples, chinelo de dedo, fala afetiva e firme, se torna uma referência não só como profissional da saúde, mas vinculada ao território, como uma liderança, ela constrói um papel de escuta das mulheres, das crianças, adolescentes e idosos.

Domingas aponta para psicologia um rompimento com a noção de que profissionais da saúde devem ser distantes dos pacientes, um modelo de clínica reduzido às paredes dos consultórios em que o profissional deve seguir um padrão de vestimenta. Miranda e Félix-Silva destacam que:

A Psicologia Clínica Brasileira precisa pensar onde seus pés pisam, compreender a vivência, as lutas, sofrimento e alegrias, crenças e vitórias do seu povo como modo de produzir análises coerentes com a realidade social que se insere e romper com os ciclos de importação acrítica e universalista de teorias que são reproduzidas como modelos de intervenção, desconsiderando processos específicos da nossa realidade que produzem subjetividades, formas de pensar, agir, sentir, relacionar e sofrer (p. 08)

Pensar desde onde os pés pisam não deve ser uma responsabilidade direcionada apenas à psicologia comunitária. O currículo do curso de psicologia - segundo as orientações do Ministério da Educação (2023) acerca das Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia, deve ser enraizado pela concepção de um pensamento construído desde onde os pés pisam. Domingas produzia saúde em Bacurau (2019) circulando no território da comunidade, inclusive uma das reuniões que ela coordena é realizada na praça da cidade. Domingas nos ajuda a refletir sobre uma proposta de clínica que não é reduzida às

paredes de uma sala, de um consultório, mas a uma clínica que está disposta a conhecer a vivência e o sofrimento do povo. Entretanto, para isto precisamos analisar onde nossos pés estão pisando, se o território no qual circulamos possibilita essa compreensão e também se os conhecimentos que buscamos possibilitam esta reflexão.

Uma das cenas de Bacurau (2019) retrata a concepção proposta acima: quando o casal sulista chega na cidade, eles figuram como turistas provenientes do sul ou sudeste do Brasil, com superioridade no olhar e no caminhar, já demonstram o quanto eles sentem-se superiores ao povo de Bacurau (2019). Estes dois personagens fazem parcerias com estrangeiros americanos. Este é um dos diálogos deles:

De que região vocês são?

- A gente é do sul do Brasil. Uma região muito rica. Com colônias alemãs e italianas. Somos mais como vocês.

Mais como a gente? Eles não são brancos, são? Como podem ser como a gente? Somos brancos. Eles meio que parecem brancos, mas não são. Os lábios dela entregam? Tá vendo? Eles estão mais para mexicanos brancos.

Este grupo acaba matando algumas pessoas do povoado, o plano deles era de exterminar Bacurau (2019). Um plano que por décadas segue sendo reproduzido, especialmente quando o conhecimento popular é desprezado e destacado como algo sem importância.

Cabe à psicologia comunitária fazer enfrentamentos a este tipo de postura, visto que ela possibilita uma produção de conhecimento através de análises coerentes com a realidade. Uma das cenas mais importantes de Bacurau (2019), no que compete a análise sob a ótica do tema da psicologia comunitária, ocorre quando os moradores perguntam aos motoqueiros se eles tinham ido à Bacurau (2019) para conhecer o museu. Eles dizem que não. É possível interpretar essa cena, como uma recusa de conhecer a história do local, afinal, o que da

história dessa comunidade os interessaria? Talvez se eles topassem a visita eles pudessem perceber que era melhor terem “ido na paz”. A cartografia, acima de tudo, é uma postura ética diante do encontro com o outro, com o território. Qual é nossa postura neste encontro? Iremos visitar o Museu? Conhecer as histórias das pessoas que encontramos? Percebemos suas potências ou somente suas "carências"? A

imagem do Museu Histórico de Bacurau (2019) é central pelo fato de que é o local em que a população guarda sua memória de luta, objetos importantes para a cultura e muitas armas. Com estas armas os moradores conseguem reagir à invasão dos estrangeiros e vencer a luta.



(Museu histórico de Bacurau, 2020)

Esta imagem do museu pode ser comparada simbolicamente com a centralidade que a psicologia comunitária tem na formação de psicólogos e psicólogas. Na psicologia comunitária encontramos histórias, memórias, narrativas, vidas dedicadas à construção de um sentido social para a psicologia. Entendendo que não cabe apenas a esta disciplina refletir sobre o compromisso social da profissão, mas cada uma das disciplinas que compõem as diretrizes curriculares dos cursos de psicologia existentes no país.

A psicologia comunitária vista sob esta ótica apresenta-se como um espaço potencial para desconstrução de saberes e certezas e aponta para a possibilidade de pensar o que significa o conceito de comunidade. Berth (2023) destaca que:

Se consultarmos qualquer dicionário de sinônimos, observamos o quão narcisista é o discurso por trás do verbete nobre, adotado para pautar territórios urbanos predominantemente ocupados pelo grupo dominante branco e rico: real, ilustre, elevado, notável, generoso, magnânimo,

majestoso, destemido, bravo. Fazendo o caminho inverso, os discursos simbólicos de controle destinados a periferias e áreas favelizadas estão focados, principalmente, no medo, no abandono, na escassez e expressos por nomenclaturas como borda, resto, fim de mundo, cafundó do judas, franjas ou, como foi adotado pelos moradores destas áreas, comunidade (do latim *communitas*, comunidade, companheirismo ou de *comunis*, comum, geral, compartilhado por muitos, público). (p. 66).

A autora escreve este trecho ao analisar a construção do que compreendemos como áreas nobres nas cidades, ocupadas majoritariamente por homens brancos, com condições financeiras possíveis de adquirir um imóvel ou que herdaram este de algum familiar. E que o oposto desta realidade são as comunidades, narradas como borda, franja ou cafundó, referindo à áreas em situação de desproteção social. Joice, destaca que as pessoas que residem nestes espaços preferem intitular seu território de comunidade.

Interessante pensar na origem desta palavra, que remete ao comum, ao compartilhado. Uma das cenas de Bacurau (2019) aponta para isto, quando os moradores se reúnem no espaço comum - na praça da cidade - para dialogar e decidir se irão consumir os alimentos doados pelo prefeito, que estão fora da validade, vencidos. Na mesma cena, Domingas pede desculpas para os moradores por ter se excedido no velório de uma das moradoras, remetendo ao fato de ficar embriagada, enquanto contava sobre a amizade das duas.

A praça, este espaço comum pode ser comparado com uma das funções da psicologia comunitária, a de tornar-se um espaço compartilhado para desconstrução de certezas, aprendizagem de novos saberes, diálogo e discussões, nas quais podem emergir opiniões distintas, mas jamais podendo faltar é a escuta da diversidade, do diferente.

Considerações finais

Ao traçarmos este mapa do encontro entre psicologia comunitária e cartografia social fazendo uso da paisagem ficcional (demasiadamente real) de Bacurau (2019) procuramos fazer jus aquela que é a centralidade da cartografia social e da psicologia comunitária: apostar na ética dos encontros, reconhecendo nossas limitações, não saberes, recusando assumir a tão marcada postura de suposto saber dos cientistas, técnicos, experts de última hora. Um território

de pesquisa e intervenção é sempre um lugar a ser habitado coletivamente, fabricado pelos tensionamentos que permeiam tais encontros, considerando seus atravessamentos políticos, econômicos, sociais e culturais de uma composição sempre heterogênea.

Bacurau evidencia esta dualidade no modo como nos relacionamos com comunidades. O olhar - por vezes hegemônico - sobre determinados territórios ditos “marginalizados”, “vulneráveis”, “carentes”, ratificam um lugar de fragilidade, dependência e falta. Porém, este reconhecimento não pode ser dissociado do olhar que produz esta compreensão, ao ponto que em Bacurau, é a própria incapacidade de quem olha enxergar esta comunidade em sua territorialidade que define o destino dos invasores.

Em psicologia comunitária é preciso que estejamos atentos a estes perigos, facilmente somos traídos pela nossa própria incapacidade de visibilizar a diferença em sua potência. Aquilo que é estranho a nós, que promove a condição de um não saber em quem supostamente tem a tarefa de saber, pode ser demasiadamente desterritorializante. Mas é justamente a sabedoria colocada na tarefa de silenciar e abrir-se a escuta do outro que temos nossa principal ferramenta de trabalho. Que saibamos lançar mão deste precioso instrumento de trabalho e possamos circular em territórios ainda não conhecidos como quem acompanha e promove um novo mapa baseado na ética dos encontros.

Referências

- Acelrad, H., & Coli, L. R. (2008). Disputas cartográficas e disputas territoriais. In H. Acelrad (Ed.), *Cartografias Sociais e Território* (pp. 13-44). Rio de Janeiro: Ippur/Ufrj.
- Almeida, L. P. de. (2012). Para uma caracterização da psicologia social brasileira. *Psicologia: Ciência e profissão*, 32. p. 124-137.
- Bacurau. (2019). Direção de Kleber Mendonça Filho; Juliano Dornelles. Brasil: Vitrine Filmes, P&B.
- Barros, L. P. de; & Kastrup, V. (2009). Cartografar é acompanhar processos. In: *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina.

- Berth, J. (2023). Se a cidade fosse nossa. Racismos, falocentrismos e opressões nas cidades. Rio de Janeiro, RJ: Paz e terra.
- Borges, R. (2023). *Cerca de 14 mil habitantes de Passo Fundo estão em ocupações: Recuperado de: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/ passo-fundo/geral/noticia/2023/04/cerca-de-14-mil-habitantes-de-passo-fundo-estao-em-ocupacoes-clgptcdi800ft0177n3pmudiz.html>*
- Carone, I; Bento. M. A. S. (2017). *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Editora Vozes Limitada.
- Costa, L. B. da. (2014). Cartografia: uma outra forma de pesquisar. *Revista Digital Do LAV*, 7(2), 066–077. <https://doi.org/10.5902/1983734815111>
- Feuerwerker, L. C. M.; Merhy, E. E. (2011). Como temos armado e efetivado nossos estudos, que fundamentalmente investigam políticas e práticas sociais de gestão e de saúde? In MATTOS, R. A.; BAPTISTA, T. W. F. Caminhos para análise das políticas de saúde. p. 290-305. Online: disponível em www.ims.uerj.br/ccaps
- De Freitas Campos, R. H. (2017). *Psicologia Social Comunitária: da solidariedade à autonomia*. Editora Vozes Limitada.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1995). *Mil Platôs, Vol. 1: capitalismo e esquizofrenia*. Editora 34.
- Dias, K. C., Cruz, D. A. M. de O., Gomes, G., & Assem, I. M. (2022). A cartografia como linguagem crítica para o ensino de geografia e sua contribuição para formação inicial e continuada de docentes. *Geografar*, 17(1), 30-46.
- Extensão do Império Britânico sobre o mundo*. (2021). [Mapa do mundo mostrando a expansão do império britânico]. Victorian Web. <https://victorianweb.org/art/design/crane/1.jpg>
- Freire, P. (2011). *Pedagogia do oprimido* (50a ed.) Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freitas, M. F. Q de. (1998). Inserção na comunidade e análise de necessidades: reflexões sobre a prática do psicólogo. *Psicologia: reflexão e crítica*, v. 11, p. 175-189.
- Filizolla, R. (2010). Conhecendo a Cartografia Social: técnicas, vantagens e limitações.
- Góis, C. W. L. (2005). *Psicologia Comunitária: atividade e consciência*.
- Góis, C.W. L. (2003). Psicologia comunitária. *Universitas: Ciências da Saúde*, v. 1, n. 2, p. 277-297.
- Guattari, F. (1985). *Revolução Molecular: Pulsões políticas do desejo*. São Paulo: Editora Brasiliense S.A.
- Harley, B. (2009). Mapas, saber e poder. *Confins. Revue Franco-Brésilienne de Géographie / Revista Franco-Brasileira de Geografia*, 5. <https://doi.org/10.4000/confins.5724>
- Imagem de Bacurau: *Três roteiros: O som ao redor*, Aquarius, Bacurau
- Kastrup, V., & Barros, R. B. de. (2009). Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia. In E. Passos, V. Kastrup, & L. da Escóssia (Eds.), *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade* (pp. 76-91). Porto Alegre: Sulina.
- Lane, S. T. M. (2007). *O que é psicologia social*. Brasiliense.
- Malamud, C. (1999). *A Shared Reality*. Mappa Mundi Magazine.

<https://mappa.mundi.net/cartography/Maps/>

Mapa de Bacurau. (2020). [Mapa de Bacurau traçado pelo codiretor Juliano Dornelles]. Estado de Minas. https://www.em.com.br/app/noticia/cultura/2020/11/30/interna_cultura,1215511/kleber-mendonca-lanca-livro-com-roteiros-de-bacurau-aquarius-e-o-som.shtml

Martín-Baró, I. (2015). *Acción y ideología: Psicología social desde centroamérica* (Vol. 1, 2a ed., 17a reimp.). São Salvador: UCA Editores.

Martín-Baró, I. (2017). *O psicólogo no processo revolucionário*. In F. Lacerda Jr. (Org.), *Crítica e libertação na psicologia: Estudos psicossociais* (pp.25-29). Petrópolis, RJ: Vozes.

Miranda, D. W., & Félix-Silva, A. V. (2022). As Subjetividades Periféricas e os Impasses para a Descolonização da Clínica Psicológica. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 42.

Montero, M; Serrano-Garcia, I. (2011). *Historias de la Psicología Comunitaria en América Latina: participación y transformación*. p. 447-447.

Museu histórico de Bacurau. (2020). [Imagem do filme Bacurau]. Revista Rosa. <https://revistarosa.com/1/bacurau-a-proposito-de-sangue-mapas-e-museus>

Passos, E., Kastrup, V., & Escóssia, L. (2015). *Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina.

Quijano, A. (2005). *Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina*. Lander, E. (org). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. CLACSO. Buenos Aires.

Resolução CNE/CES nº 1, de 11 de outubro de 2023. (2023). Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia. Recuperado de: <https://www.in.gov.br/web/dou/-/resolucao-cne/ces-n-1-de-11-de-outubro-de-2023-518120795>

Segato, R. (2021). *Crítica da colonialidade em oito ensaios e uma antropologia por demanda*. Bazar do tempo. Rio de Janeiro.

Silva, R. A. N da. (2021). *A invenção da psicologia social*. ABRAPSO.

Torres, G. J. (2000). *Historia de mi vida*. Montevideu: Ed. Arca.

World Mercator projection with country going to true size. (2018). [Imagem digital]. X. <https://twitter.com/neilrkaye/status/1050740679008296967>

Dados sobre as autoras:

- *Silvana Ribeiro*: Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Brasil. Docente no curso de Psicologia da Atitus Educação.
- *Henrique França Duara*: Estudante no IPPERG – Instituto de Pesquisa em Psicanálise e Relações de Gênero - Psicanálise e Relações de Gênero: Clínica, Ética e Política, Psicólogo clínico e institucional formado pela Universidade de Passo Fundo.
- *Robert Filipe dos Passos*: Professor na Faculdade de psicologia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM).
- *Mariete Aparecida Malaquias da Silva*: Mestranda no Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Psicóloga Clínica.

Declaração de Direito Autoral

A submissão de originais para este periódico implica na transferência, pelos autores, dos direitos de publicação impressa e digital. Os direitos autorais para os artigos publicados são do autor, com direitos do periódico sobre a primeira publicação. Os autores somente poderão utilizar os mesmos resultados em outras publicações indicando claramente este periódico como o meio da publicação original. Em virtude de sermos um periódico de acesso aberto, permite-se o uso gratuito dos artigos em aplicações educacionais e científicas desde que citada a fonte conforme a licença CC-BY da Creative Commons.



[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)
